

CLIPPING IMPRESSO

05/02/2022



INDICE

1. JORNAL O IMPARCIAL	
1.1. PRESIDÊNCIA.....	1
2. JORNAL PEQUENO	
2.1. ASSESSORIA.....	2

Para onde vai a América Latina ?

LOURIVAL SEREJO

Presidente do Tribunal de Justiça do Maranhão



Esse é um tema que muito me interessou, desde quando li *Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina*, de Celso Furtado. E, tempo depois, *As veias abertas da América Latina*, de Eduardo Galeano.

Richard Nixon, em visita à Venezuela, quando era presidente dos Estados Unidos, disse que para o lado que o Brasil fosse iria o resto da América Latina. Foi uma profecia que não se concretizou. Os contrastes das políticas internas e externas dos países não confirmaram a previsão do presidente americano.

Sob a análise dos opostos, temos hoje, na América Latina, governos da direita (Equador, Colômbia e Uruguai) e governos da esquerda (Argentina, México, Honduras, Bolívia, Peru e o Chile, agora, com a eleição de Gabriel Boric). Na ultra-esquerda estão as ditaduras da Venezuela e da Nicarágua, com Nicolás Maduro e Daniel Ortega, respectivamente. Em maio, haverá eleição presidencial na Colômbia, tendo o candidato da centro-esquerda vantagem sobre o da direita.

A recente vitória de Gabriel Boric, no Chile, um jovem de 35 anos de idade, levantou os ânimos da juventude latino-americana. As disputas das eleições chilenas dei-

xaram um alerta preocupante: o percentual de eleitores que votaram no candidato populista da direita que se declarou defensor da ditadura de Pinochet, com uma agenda altamente conservadora. Ora, o governo de Pinochet que derrubou Allende inaugurou, nos idos da década de 70, uma das mais cruéis ditaduras do continente.

Os governos latino-americanos viveram sempre em sobressaltos, com altos e baixos no termômetro da democracia. Agora, com algumas ameaças à direita extrema, as preocupações aumentaram.

Quando Evo Morales assumiu a presidência da Bolívia, em 2006, grande parte da América Latina regozijou-se porque, pela primeira vez, estava assumindo o poder um opositor da elite política econômica e política.

Num país em que a maioria da população é de origem indígena, a eleição de um integrante dessa maioria representou uma vitória social e democrática.

Ocorreu que, ao término do seu mandato, Evo Morales foi picado pela mosca azul do populismo e do gosto pelo poder. Desejou, então, novo mandato. E conseguiu em 2009. Ao fim do segundo mandato, nova picada, alterou a Constituição, quis o terceiro; e conseguiu. Terminando o terceiro mandato, já estava totalmente possuído pelo demônio do poder. E não admitia a aproximação de nenhum exorcista. Então, quis continuar presidente pela quarta vez, a exemplo de Hugo Chaves que foi até ao sétimo mandato. Depois de uma vitória duvidosa, rompeu-se o dique da população desafiada e Evo Morales foi obrigado a renunciar e fugir do país.

Passado o período turbulento, a Bolívia voltou a respirar os ares de uma democracia estável, com a posse de Luís Arce, economista e professor universitário.

Faço esse destaque à Bolívia em homenagem a Simon Bolívar, o grande idealista que quis unificar a América Latina.

Outras duas grandes ameaças pairam sobre a América Latina: a corrupção e o narcotráfico. O México já está dominando pelas organizações criminosas que traficam as drogas; a Colômbia está no mesmo rumo.

No Brasil, a falta de uma governança de fronteira eficiente tem permitido a invasão das drogas com facilidade. O poderio econômico que essas organizações têm sustentam a corrupção. Então, os dois males se acasalam.

A corrupção tornou-se altamente nociva para o crescimento da América Latina pelo estágio em que chegou: hoje ela é sistêmica e estrutural. Em alguns países, contam com o silêncio do Estado.

É importante visualizar esse quadro político e ideológico da América Latina no ano em que as eleições presidenciais devem definir a posição do Brasil, daí a importância da conscientização do eleitor. Infelizmente, ao que tudo indica, as opções que o leitor e o eleitor terão vão estar nos extremos, o que não é bom para a harmonia interna do país.

A América Latina não admite mais o retorno ao passado em que uma corrente ditatorial envolveu vários países, sufocando os direitos fundamentais e as liberdades individuais.

Justiça & Cidadania

Antonio Carlos Lua

acarloslua@folha.com.br



A moldura da República Brasileira

O Brasil precisa consolidar as bases do Estado de Direito, garantindo aos seus habitantes a cidadania plena, com seus governantes empenhando-se para que a crise moral que corrói os perfis pessoais dos nossos atores políticos não fragilize ainda mais a nossa tênue democracia, desrespeitando os padrões de seriedade e responsabilidade que devem servir de alicerce ao sistema republicano.

Nosso país, lamentavelmente, está mergulhado numa profunda crise política e moral. Escândalos, mentiras, falsas versões, malhas intestinas de corrupção, conluio político, cooptação ilícita de parlamentares, negociatas e falcatruas ilustram a triste moldura da República Federativa do Brasil nessa metade da primeira década do terceiro milênio.

A mediocridade campeia. A torpeza se expande pelos espaços políticos, correndo a imagem do país. A banalização das denúncias e acusações já não causam tanto impacto na sociedade. São tantos os escândalos que a população perde a noção da gravidade dos casos.

Governantes sem ideal vão povoando o território com seus zeros absolutos de inação, inapetência e incompetência. Emerge uma mediocracia, que é uma democracia fantasiada de mediócras, uma gente que se escora no apetite do poder e no medo de perder as benesses.

A Pátria, de tanto ver parcela de sua representação política mergulhada na devassidão, na mediocridade, na obscuridade, no poço da indecência, operando práticas ilícitas, vai afastando as esperanças e os anelos coletivos.

Como disse o filósofo, sociólogo, escritor ítalo-argentino e grande intérprete da alma humana, José Ingenieros, quando os interesses venais se sobrepõem ao ideal dos espíritos cultos que constituem a alma de uma Nação, o sentimento nacional se degenera e se corrompe e a Pátria passa a ser explorada como uma indústria. É exatamente o que acontece hoje no Brasil, onde o valor da verdade e da dignidade da população precisa ser resgatado.

Nesse sentido, política deve ser sempre o espaço com legitimidade para defender a causa dos valores republicanos, da honradez e da dignidade da Nação, reagindo contra todos os atos e pressões antidemocráticas, com exemplos de combate à corrupção, preservando o bem público. Infelizmente, isso não vem acontecendo e muitos dos nossos representantes políticos acabam adotando práticas políticas condenáveis que enfraquecem a nossa República.

Cidadãos

O Congresso Nacional continua criando legislações sem que os cidadãos nelas se reconheçam. A sociedade não é chamada a participar efetivamente das discussões de interesse da Nação, que não avançou o suficiente para garantir as condições mínimas de bem-estar social à população brasileira.

Mazela

A complicada trajetória do Brasil, marcada pela tutela, controle, analfabetismo, faz com que o país seja hoje um depósito de pobreza e de miséria com uma degradação social sem precedentes na história.

Estranheza

O Brasil teve uma regressão com a estranheza existente entre a sociedade e o Parlamento Brasileiro que vem mantendo, ao longo dos anos, a herança política maldita, que sempre afastou a população da arena das decisões nacionais, com os interesses de grupos políticos se sobrepondo aos do conjunto da sociedade.

Exclusão

A herança de exclusão se perpetua no Brasil desde a sua independência. A nossa primeira Constituição (1824) foi outorgada, ou seja, imposta de cima para baixo. Durante o período monárquico, um pequeno ilustrado tentava conduzir os destinos de toda a população, constituída por uma enorme massa de analfabetos e destituídos.

Transgressão

O brasileiro ainda não incorporou por completo o conceito de

civilização e o problema da transgressão às leis – por razões históricas – se agrava cada vez mais no país.

Escravidão

Os séculos de escravidão deixaram muitos problemas na sociedade. A distribuição que ocorreu na economia não aconteceu na política, que continua a ser pouco inclusiva. O Congresso Nacional, sempre com posicionamentos blindados, mostra sua disposição de entregar, a seu tempo e vontade, um produto acabado para que o povo diga amém.

Soberania

O ônus da negativa à soberania popular deve ser cobrado do Congresso Nacional. Quem perde, de fato, com tudo isso é a sociedade, ao ser escanteada por políticos que não querem alterar este contexto falido de representatividade política que agride a democracia.

Cidadania

A experiência de cidadania no Brasil é o avesso do conceito de democracia e de Justiça Social. No país, infelizmente, os direitos civis, políticos e sociais não foram ainda consagrados, gerando uma massa de cidadãos submetidos aos resquícios de regimes ditatoriais.

Desempregados

O Brasil tem 14 milhões de desempregados e 70 milhões de cidadãos abandonados, marginalizados, pisados, esmagados e reificados, vivendo em favelas e palafitas, em 734 cidades do país.